

# QUEM SOMOS NÓS

## 1. Somos filhos amados de Deus

Durante a nossa curta vida, a questão que guia muitos dos nossos comportamentos é a seguinte: «Quem somos nos?». Raramente nos fazemos esta pergunta de maneira formal; contudo, vivemo-la muito concretamente nas decisões do nosso dia-a-dia.

As três respostas que nós geralmente vivemos - e que não damos necessariamente - são: «Nós somos o que fazemos»; «nos somos o que os outros dizem de nós»; e «nós somos o que temos»; ou, por outras palavras: «Nós somos os nossos sucessos, a nossa popularidade e o nosso poder».

É importante compreender a fragilidade da vida que depende do sucesso, da popularidade e do poder. Essa fragilidade provem do facto de esses serem fatores externos sobre os quais temos apenas controlo limitado. A perda do nosso emprego, da fama ou dos bens, tem frequentemente, como causa eventos totalmente fora do nosso controlo. Mas, quando dependemos deles, é como se nos tivéssemos vendido ao mundo, porque então somos o que o mundo nos dá. E a morte acaba por nos tirar tudo. E a sentença final então será: «Quando se morre, acabou!», porque, quando morremos, mais nada podemos fazer, as pessoas não tornam a falar de nós e já nunca mais temos mais nada. Quando somos o que o mundo faz de nós, já não podemos ser depois de termos deixado o mundo.

Jesus veio anunciar-nos que uma identidade baseada no sucesso, na popularidade e no poder é uma falsa identidade, uma ilusão! Diz Ele, alto e a bom som: «Vos não sois o que o mundo faz de vós, mas sois filhos de Deus».

## 2. Proclamar a nossa «amabilidade»

A vida espiritual exige que proclamemos constantemente a nossa verdadeira identidade. É a nossa verdadeira identidade e que nós somos filhos de Deus, filhas e filhos amados do nosso Pai celeste. É a vida de Jesus que nos revela esta verdade misteriosa. Depois de Jesus ser batizado no Jordão pelo Baptista, quando saía da água, viu os céus abrirem-se e o Espírito descer sobre Ele, como uma pomba. E uma voz veio do céu: «*Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência*» (Mc 1, 11). Este é o momento decisivo da vida de Jesus. É assim declarada a sua verdadeira identidade. Ele é o Filho amado de Deus. Como «Bem-Amado» é enviado

ao mundo para que, por meio d'Ele, todas as pessoas descubram e proclamem a própria amabilidade.

Mas o mesmo Espírito que desceu sobre Jesus e afirmou a sua identidade como Filho Amado de Deus também O conduziu ao deserto para ser tentado por Satanás. Satanás pediu-Lhe para demonstrar a sua amabilidade transformando pedras em pão, lançando-se da torre do templo para ser amparado pelos anjos e aceitando os reinos do mundo. Mas Jesus resistiu a estas tentações do sucesso, da popularidade e do poder reclamando energicamente a sua verdadeira identidade. Jesus não tinha que provar ao mundo que era digno de amor. Ele já era o «Amado», e esta «Amabilidade» permitiu-Lhe viver livre dos jogos de manipulação do mundo, sendo sempre fiel a voz que Lhe tinha falado no Jordão. Toda a vida de Jesus foi uma vida de obediência, de atenta escuta d'Aquele que Lhe chamou Amado. Tudo o que Jesus dizia ou fazia provinha dessa íntima comunhão espiritual. Jesus revelou-nos que nós, seres humanos pecadores e fracos, somos convidados à mesma comunhão que Ele viveu, que somos os filhos e filhas predilectos de Deus, precisamente como Ele e o seu Filho amado, que somos enviados a este mundo a proclamar a «amabilidade» de toda a gente, como Ele o foi, e que finalmente poderemos escapar aos poderes destrutivos da morte, como Ele o conseguiu.

### 3. A disciplina da oração

Uma das tragédias da nossa vida é continuarmos a esquecer-nos de quem somos e a perder muito tempo e energias a demonstrar o que não precisa de ser demonstrado. Somos filhas e filhos amados de Deus, não porque tenhamos demonstrado ser merecedores do amor de Deus, mas porque Deus nos escolheu livremente. Mas é muito difícil manter o contacto com a nossa autêntica identidade, porque os que querem o nosso dinheiro, o nosso tempo e a nossa energia aproveitam mais da nossa insegurança e receios que da nossa liberdade interior.

Por isso, precisamos de disciplina para continuar a viver de verdade, e para não sucumbir as incontáveis seduções da nossa sociedade. Onde quer que estejamos, há vozes a dizer-nos: «Vai para aqui, vai para ali, compra isto, compra aquilo, faz o conhecimento deste, faz o conhecimento daquela, não percas isto, não percas aquilo», e assim por diante. Estas são vozes que continuam a desviar-nos da voz calma e suave que fala no centro do nosso ser: «Tu és o meu Filho amado, és o meu enlevo».

A oração e o exercício para escutar essa voz de amor. Jesus passou muitas noites em oração escutando a voz que Lhe falara no Rio Jordão. Também nós devemos rezar. Sem oração, tornamo-nos surdos à voz do amor e ficamos

confundidos com as muitas vozes competitivas que exigem a nossa atenção. E como isto é difícil! Quando nos sentamos durante meia hora - sem falar com ninguém, sem ouvir música, sem ver televisão ou sem fazer nenhuma leitura - e procuramos permanecer quietos, vemos-nos tantas vezes tão abafados pelos nossos barulhos interiores que mal podemos esperar por nos ocupar e distrair de novo. A nossa vida interior, com frequência, parece-se com uma bananeira com macacos aos saltos! Mas, quando decidimos não fugir e manter-nos concentrados, esses macacos eventualmente vão-se embora por lhes não darmos atenção, e a voz suave e calma que nos chama «amados» pouco a pouco faz-se ouvir de novo. A maior parte das orações, Jesus fê-las de noite. «Noite» significa mais do que a simples ausência de sol. Significa também a ausência de sensações de comprazimento ou de iluminações interiores. Eis por que é tão difícil sermos fiéis. Mas Deus é maior que o nosso coração e que a nossa mente e continua a chamar-nos «amados» ... para além de quaisquer sentimentalismos.

#### 4. Vítimas do cronometro

Cada vez que proclamamos a nós mesmos a certeza da nossa «amabilidade», a nossa vida alarga-se e aprofunda-se. Como «bem-amados», a nossa vida estende-se muito para além dos limites do nosso nascimento e da nossa morte. Não nos tornamos simplesmente «amados» no nascimento e depois deixamos de o ser no momento da morte. A nossa «amabilidade» é eterna. Deus diz-nos: «Eu amo-te com amor eterno». Este amor já existia antes de os nossos pais e as nossas mães nos amarem e continuara a existir muito depois de os nossos amigos se terem interessado por nós. É um amor divino, um amor que dura sempre, um amor eterno.

Precisamente porque a nossa verdadeira identidade está enraizada neste amor incondicional, ilimitado e eterno é que podemos escapar ao perigo de nos tornarmos vítimas do cronómetro. O cronómetro conta o tempo que temos neste mundo. Esse tempo pode medir-se em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos. Mas o nosso cronómetro pode tornar-se uma dependência, uma obsessão, especialmente se tudo o que somos estiver dependente do relógio que continua a bater, quer estejamos acordados quer estejamos a dormir.

Sempre tive uma consciência muito clara do meu cronómetro. E com frequência perguntava-me a mim mesmo: «Poderei ainda viver outro tanto?». Quando tinha trinta anos, dizia: «Posso viver facilmente ainda outros trinta!». Quando cheguei aos quarenta, cisme: «Se calhar, só estou ainda a metade do caminho!». Hoje, já não posso dizer isso e então a minha pergunta é esta: «Como é que vou usar os poucos anos que me restam?».

Todas estas preocupações sobre o cronómetro vêm de baixo. Baseiam-se no pressuposto de que a nossa «cronologia» e a nossa única razão de viver. Mas, visto do alto, da perspectiva de Deus, o nosso cronómetro ficara abafado pelo abraço intemporal de Deus. Vistos do alto, os nossos anos na terra não são simplesmente *kronos* (tempo cronológico) mas *kairos* (tempo favorável ou tempo de Deus), que é uma oportunidade de ganharmos o amor que Deus nos oferece desde toda a eternidade. Sendo assim, a nossa curta vida, em vez de estar limitada a um determinado número de anos, aos quais nos agarramos desesperadamente, torna-se essa oportunidade indispensável para corresponder com todo o coração, com toda a alma e com toda a inteligência ao amor de Deus para, assim, nos tornarmos verdadeiramente participantes da sua divina comunhão.

## 5. Preparar-se para a morte

Algumas pessoas dizem que tem medo de morrer. Outras dizem que não. Seja como for, a maior parte das pessoas na realidade tem bastante medo de morrer. A deterioração progressiva da mente e do corpo, o sofrimento causado por um cancro incurável, os efeitos devastadores da Sida, o ser um peso para os amigos, a perda de controlo dos próprios movimentos, o ser informado apenas corri meias-verdades, o esquecimento de acontecimentos recentes e os nomes das visitas, tudo isso, e muito mais, é o que realmente tememos. Não constitui, pois, surpresa nenhuma dizermos por vezes: «Espero que a agonia não dure muito tempo. Espero morrer com um ataque cardíaco fulminante e não após doença prolongada e dolorosa».

Mas, seja como for que pensemos ou esperemos, a maneira como havemos de morrer é imprevisível e as nossas preocupações sobre isso são bastante inúteis. Em todo o caso, precisamos de estar preparados. Preparar-nos para a morte é a tarefa mais importante da vida; pelo menos se acreditamos que a morte não é a total dissolução da nossa identidade mas a via para a sua mais completa revelação. A morte, como Jesus falou dela, e o momento em que a plena derrota e a plena vitória se encontram. A cruz em que Jesus morreu é o sinal desta unidade da derrota e da vitória. Jesus fala da sua morte como o «ser levantado»; ser levantado na cruz e simultaneamente ser levantado na ressurreição. Jesus quer que a nossa morte seja como a sua, uma morte em que o mundo nos elimina, mas Deus nos recebe em sua casa.

Como é que então nos preparamos para a morte? Vivendo cada dia na total consciência de sermos filhos de Deus, cujo amor é mais forte do que a morte. Especular e preocupar-se com os últimos dias da nossa vida é inútil; mas fazer de cada dia uma celebração da nossa «amabilidade» como filhos e filhas de Deus permitir-nos-á viver os nossos últimos dias, breves ou longos,

como dias de aniversário. As dores da morte são dores de parto. Por elas, deixamos o seio deste mundo e nascemos para a plenitude dos filhos de Deus.

João di-lo claramente: «Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus - que é o que nós somos 1... Agora, somos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Seja como for, sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como realmente Ele é» (cf. 1Jo 1-2).

Proclamar o que realmente somos já é a melhor maneira de nos prepararmos para o que havemos de ser.

## 6. De regresso a casa

A nossa vida é uma oportunidade curta para dizer «sim» ao amor de Deus. A nossa morte é um autêntico regresso a casa para acolher esse amor. Será que desejamos voltar a casa? Parece que a maior parte dos nossos esforços tem por objetivo atrasar o mais possível este regresso.

Escrevendo aos cristãos de Filipos, o apóstolo Paulo mostra uma atitude radicalmente diferente. Diz ele: «Desejaria partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; mas continuar vivo é mais necessário por vossa causa» (Fl 1,23-24). O desejo mais profundo de S. Paulo é estar completamente unido a Deus por meio de Cristo e esse desejo fá-lo olhar para a morte como um «ganho». Contudo, o seu outro desejo é continuar vivo no corpo para acabar a sua missão. Isso proporcionar-lhe-á ocasião para um trabalho frutuoso.

Assim, somos desafiados mais uma vez a olhar para a nossa vida a partir do alto. Se, com efeito, Jesus veio oferecer-nos uma comunhão plena com Deus, fazendo-nos partilhar da sua morte e ressurreição, que mais podemos desejar senão deixar os nossos corpos mortais para alcançar a meta final da nossa existência? A única razão para continuar neste «vale de lágrimas» é poder continuar a missão de Jesus que nos mandou ao mundo, como o Pai O mandou a Ele. Vista do alto, a vida é uma missão curta, por vezes penosa, cheia de ocasiões para fazer trabalho frutuoso pelo reino de Deus, e a morte é a porta aberta que conduz a sala das celebrações onde o próprio Rei nos irá servir.

Parece tudo tão contrário a visão comum da vida! Mas é a via de Jesus e a que nós devemos seguir. E não há nada de doentio nisso. Pelo contrário, é uma visão alegre da vida e da morte. Enquanto estivermos no corpo, tratemos bem dele de maneira a levar a alegria e a paz do reino de Deus àqueles que encontrarmos na nossa jornada. Mas, quando chegar o tempo da nossa morte,

alegremo-nos também por podermos voltar a casa para estarmos com Aquele que nos trata por «amados».

Uma das principais experiências ao escrever estas meditações foi que, ao fazê-lo, descobri o muito mais que haveria para dizer. Por isso, este posfácio é muito artificial. Também poderia ser um prefácio para muitas outras meditações. Mas fico contente com este «fim em aberto», porque me encoraja a penetrar cada vez mais no mistério divino, com a certeza de que este mistério é fonte inexaurível de vida e amor. Sei que há muito mais para escrever sobre vida espiritual, cada palavra a puxar por outra palavra, cada livro a puxar por outro livro.

A si, que leu algumas ou todas estas meditações, quero dizer: Não pare aqui. Continue por sua conta e risco. As minhas palavras são apenas para o encorajar a procurar as suas próprias palavras e os meus pensamentos são para o ajudar a descobrir os seus próprios pensamentos. O que escrevi neste livro é a expressão da minha própria caminhada espiritual, ligada à minha personalidade, tempo, lugar e circunstâncias. A sua caminhada espiritual é única como a minha; tem a sua própria e única beleza e também limites.

Espero só que a descrição do amor de Deus na minha vida lhe dê a liberdade e a coragem para descobrir - e talvez descrever também - o amor de Deus na sua.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. XI, Quem somos nós, pp. 145-156*